

## Psicanálise de Crianças

A Psicanálise de Crianças vem inquietando os profissionais há muito tempo. As variáveis são inúmeras e as formas de trabalhar variam demasiadamente. Procurando oferecer um espaço para pensar a prática da clínica de crianças, é que nos propomos a oferecer um momento para fazer circular inúmeros questionamentos e ao mesmo tempo ajudar a construir posicionamentos teóricos ilustrados pelo referencial psicanalítico .

No que toca às crianças, não podemos esquecer de que elas estão postas e dispostas num cenário familiar onde fazem parte de uma trama singular que dará sentido a sua existência. Deste modo , considerando que a criança que vem à tratamento deflagra uma situação familiar desconfortável, através do seu sintoma ou de sua patologia já estruturada, constatamos que a construção da clínica de crianças é a de ajudar a encontrar sentido no momento em que aparecem os sintomas e rupturas familiares, buscando uma brecha para levantar uma hipótese sobre o mito da família. Toda a família constrói um mito que parece anular o tempo, que é ahistórico e que sustenta crenças. A negação do tempo remete à atemporalidade do inconsciente na qual se construiu o enredo da história familiar onde está inscrita a criança.

Desvelar e historizar é dar sentido, codificar e ressignificar. Aí entra o papel do analista. Concordamos com Silvia Bleichmar (1994) ao revelar que historizar é, então, estruturar de um modo significativo os efeitos do factual, traumático, inscrito a partir de uma decomposição e de uma recomposição que liga de modo diferente as representações vigentes.

É sabido que a significação da infância mudou, pois ela se deslocou do registro genético e cronológico para o da lógica do inconsciente. “Foi aqui que se constituiu propriamente o conceito de infantil, marcando sua diferença com a noção evolutiva de infância. Existiria assim um infantil no psiquismo que seria irredutível a qualquer dimensão cronológica e evolutiva” (Birman, 1997) Então, o que acontece na escuta de uma criança que ao mesmo tempo que está se desenvolvendo e

estruturando sua vida ? Qual o papel do analista de crianças neste contexto repleto de variáveis vigentes ?

A pulsão sexual é ainda responsável pela emergência do saber nas crianças, suscitada por questões urgentes da vida cotidiana como, por exemplo, a chegada de um novo irmão ou o temor de que isso aconteça: “ de onde vêm os bebês? O que os pais fazem um com o outro?...” De maneira mais direta a criança busca saber de onde ela vem e o que representa para seus pais. Enfim, ela quer saber é o lugar que ocupa no desejo dos pais?

Assim, a singularidade do processo analítico serve de espaço para dar um destino aos efeitos do traumático precoce e da violência impostas ao psiquismo das crianças.

A construção da subjetividade do ser humano inserido na cultura, por um lado e, do psiquismo por outro, estão marcados pela singularidade da história de cada um. O encontro desses dois fatores, subjetivos e intrapsíquicos, aliados a um processo de análise num momento do desenvolvimento da criança, contribui para a construção de um mundo simbólico mais rico, instaurando uma capacidade de discernimento e de associação livre, qualificando o ser desde já. O sofrimento anteriormente posto em atos passa a ser nomeado de forma a dar sentido a algumas coisas obscuras da vida!

A constituição gradativa do ser é facilitada pelo universo lúdico da criança. É através do brincar, da convivência com outros seres humanos que se instauram marcas fundamentais na estruturação da personalidade. Sem dúvida, um processo de análise possibilita que a criança possa ligar-se à vida trabalhando dentro de si conteúdos desligados provindos de algo mortífero.

Outrossim, fica evidenciado a importância dos pais e/ou familiares próximos à criança participando de todo o processo de análise. Entender os mitos e crenças familiares bem como o enredo no qual a criança está inserida é fundamental para ajudarmos a nomear os fantasmas da história. É com a presença da família, reservadas as posições técnicas, que o analista de crianças poderá ajudar a desmistificar e recodificar conteúdos estranhos, tão familiares que poderão passar desapercibidos nas entrelinhas das palavras ditas e não ditas.

Aliás, “o não dito” na entrevista com pais é um assunto pertinente! Curioso: um analista de crianças passa muito tempo pensando no não dito. Mas deixemos isto para outro momento.

Em suma, repassemos algumas das inquietações ocorridas durante o processo de análise de crianças: o que acontece na escuta clínica do sujeito em desenvolvimento? Qual é o medo do paciente? Por que se torna um desafio no processo da criança organizar-se para entrar na adolescência? Por que a sexualidade insiste (em muitos casos) em permanecer num infantil desqualificado? Qual a fantasmática construída ao longo da vida e do tratamento? Ou melhor, quais os efeitos da escuta que se atravessa no decorrer do desenvolvimento?

Resumo: O tema da psicanálise de crianças segue inquietando analistas no que se refere a inúmeras questões. É preciso considerar que a criança está posta e disposta a uma trama familiar de complexos enlaces e que, a partir daí se configurará a base de seu padecimento. A escuta analítica propicia um espaço de historização e descoberta dos mitos familiares originados desde uma pré-história de seus antecessores. O sintoma da criança é o resultado da condensação dos fantasmas dos pais.

Dra. Magda Mello

Doutora em Psicologia